

## SUJEITO EM BAKHTIN: AUTORIA E RESPONSABILIDADE

Sandra Mara Moraes Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta a concepção de sujeito pressuposta pelo Círculo bakhtiniano, bem como a perspectiva filosófica que norteia a proposta bakhtiniana que concebe o ser constituído na eventicidade. Toma como fundamento básico a obra *Para uma filosofia do ato* em que Bakhtin assevera ser o ato sempre uma resposta que comporta uma unidade constituída tanto do sentido quanto do fato, do individual e do universal, do ideal e do real. O ato é a concretização, é a passagem de uma possibilidade (potencialidade) para o que se realiza de maneira única, irrepetível, com uma autoria, assinatura, que não permite, para acessar sua essência, a divisão de seu sentido objetivo do processo subjetivo de sua execução.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeito. Autoria. Responsabilidade.

**ABSTRACT:** This article presents the concept of ‘subject’ according to the Bakhtinian Circle as well as the philosophical perspective on the Bakhtinian conception of Being as event, founded in *Toward a philosophy of the act*. In this essay, Bakhtin asserts that the act is always an answer which encompasses a unit consisted of sense and fact, the individual and the universal, the ideal and the real. The act is the fulfillment, the passage from one possibility (potentiality) to what is uniquely and unrepeatably realized. In order to access its essence, its authorship, the signature, does not allow its objective sense to be separated from the subjective process of its execution.

**KEYWORDS:** Subject. Authorship. Responsibility.

### Introdução

O intento deste estudo é apresentar a concepção de sujeito pressuposta pelo Círculo bakhtiniano bem como a perspectiva filosófica que norteia a proposta bakhtiniana que concebe o ser constituído na eventicidade. Importa considerar que a concepção de sujeito encontrada no pensamento bakhtiniano, principalmente a partir da obra *Para uma filosofia do ato*, não deixa dúvida de que sua teoria aborda uma filosofia moral do sujeito. Nessa perspectiva, o objeto de seu estudo é o ato que se realiza no mundo numa atitude responsiva que se faz na linguagem. Nesse contexto não há como separar a linguagem do sujeito, da vida, do mundo e, mesmo, da

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo. Professora adjunta DE do Departamento de Letras – UNIFESP. E-mail: [sandralima605@gmail.com](mailto:sandralima605@gmail.com).

ética. Teorizar sobre questões tão complexas que demandam tantas redes e enraizamentos não é tarefa simples; como afirma Brait, os estudos do Círculo:

[...] caracterizam-se, já nas primeiras décadas do século passado, como estudos em que havia uma estreita relação entre várias vertentes do conhecimento, com objetivo de pensar a linguagem, dentro de uma perspectiva das ciências humanas e não como tarefa específica de uma única disciplina. (2004, p. 185-201).

A perspectiva é transdisciplinar porque concebe a linguagem em sua essência, em sua faculdade de atravessar o sujeito e, ao mesmo tempo, possibilitar que o sujeito atravesse o mundo, dando-lhe existência. É no momento do ato que se organiza o mundo, que se realiza, no ato dotado de uma arquitetura. E essa linguagem promoverá sempre um mundo a partir de uma atitude participativa, interessada, estabelecendo as ideologias, as relações socialmente organizadas, que por sua vez serão determinantes na constituição do sujeito que se colocará, pensará o mundo não de forma fortuita, mas vinculado ao fator social.

### **O ser-evento – O ser constituído incessantemente na eventicidade, no ato, no passo dado**

Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin, declarando usar uma abordagem fenomenológica, procura situar o processo de resposta do não-álibi como ponte entre o conteúdo interior, o real vivido e sua “representação”, realização no ato histórico, único. Para ele, nenhuma atividade humana, seja a Estética, as ciências ou filosofias, consegue dar conta do ser enquanto um ser-evento, ou seja, enquanto um ser que está sempre em processo, ser do devir. O ato histórico, único, embora seja uma unidade “real”, esteja em comunhão com o ser e seja um participante ativo na eventicidade do ser, ainda assim, visto na perspectiva teórica, não tem acesso pleno ao conteúdo sentido. Há sempre um fracasso em tentar “representar”, “realizar” o real, pois, segundo Bakhtin, há uma cisão entre o conteúdo sentido e a realidade histórica do seu ser real, isto é, uma cisão entre o conteúdo interior e sua “representação”, seja na arte, na ciência ou na filosofia.

[...] dois mundos se opõem um ao outro, mundos que não se comunicam entre si, mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida. Este último é o único mundo em que criamos, conhecemos, contemplamos, vivemos e morremos. O primeiro é o mundo no qual o ato de nossa atividade é objetivado; o segundo é o mundo em que este ato realmente se realiza de modo único e irrepetível (BAJITIN, 1997, p. 8 – Tradução nossa.<sup>2</sup>)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Todas as demais citações dessa tradução de Bubnova são traduções nossas para o português.

<sup>3</sup> [...] dos mundos se oponen el uno al otro, mundos incomunicados entre sí y mutuamente impenetrables: el mundo de la cultura y el mundo de la vida. Este último es el único mundo en el que creamos, conocemos, contemplamos,

Essa cisão ocorre porque a tentativa de realização é eternamente tentativa, pois, como Bakhtin afirma, são mundos impenetráveis. Toda criação, seja no campo teórico discursivo das ciências ou das artes, é sempre uma realidade outra, paralela àquela que a motivou, é de outra dimensão. No entanto, para Bakhtin o ponto capaz de refletir essas dimensões encontra-se no princípio da respondibilidade/responsabilidade, isto é, o ato deve exprimir tanto a responsabilidade pelo seu conteúdo quanto pelo seu ser. É como se no ato houvesse uma resposta única, irrepetível do ser que se coloca; e esse colocar-se traz em comunhão essa dupla realidade. “É a única maneira como poderia ser superada a incompatibilidade e a impermeabilidade recíproca perniciosa entre a cultura e a vida.” (BAJTIN, 1997, p. 8)<sup>4</sup>. O ato, o passo dado, a escolha, a ação, o colocar-se no mundo, nessa perspectiva bakhtiniana, traz em si, de modo indivisível, o momento do conteúdo-sentido e o momento histórico individual.

Bakhtin, nesse processo de apreensão do mundo que se faz no ato, num posicionamento do sujeito, nega a possibilidade de existência de categorias ou juízos pré-existentes, anteriores, de verdades universais. Para ele, a concepção de dever, por exemplo, surge na correlação da verdade com o ato real da cognição, ou seja, ocorre concomitantemente. Essa correlação é sempre histórica, marcada num momento único. Sua posição marca uma diferença de concepção do sujeito em relação ao sujeito apriorístico de Kant, ainda que tenha traços kantianos, uma vez que admite a faculdade cognitiva do sujeito em ser afetado, a ideia de que a mente é que possibilita não dar existência ao mundo, mas dar consistência, através da linguagem que realiza o real no ato. Nesse ponto, sua teoria aproxima-se essencialmente da filosofia de Husserl, que considera não haver divisão entre a experiência vivida e a intencionalidade contida nela, além de afirmar que o sujeito tem uma predisposição anterior, uma potência, mas que se concretiza a partir da experiência. Para esse filósofo, a consciência é pura atividade e não tem conteúdo, tal como afirmou Kant; nesse sentido, toda consciência é consciência de, a intencionalidade, o que faz com que todo conhecimento, a construção de todo e qualquer sentido seja sempre interessado, sendo individual ou coletivo. A coisa, o mundo, portanto, não é em si mesmo, mas é sempre o lugar de uma perspectiva, um interesse, uma intencionalidade.

---

hemos vivido y morimos. El primero es el mundo en el cual el acto de nuestra actividad se vuelve objetivo; el segundo es el mundo en el que este acto realmente transcurre y se cumple por única vez (BAJTIN, 1997, p. 8).

<sup>4</sup> “Es la única manera como podría ser superada la incompatibilidad y la impermeabilidad recíproca viciosa entre la cultura y la vida” (BAJTIN, 1997, p. 8).

Nessa perspectiva da construção do sentido/conhecimento atrelado à intencionalidade, Bakhtin parece fazer derivar a responsabilidade responsável numa concepção moral do sujeito, afirmando que não há um dever, um juízo anterior, mas que o que chama de dever, normas éticas, está vinculado ao ato realizado. É uma certa atitude de consciência, uma estrutura moral do sujeito, que não é física nem psicológica, nem encontra-se anterior ao sujeito; não é uma ética em si mesma, isolada, mas diz respeito a um modo de relacionar-se com os valores. Segundo Bakhtin, se consideramos os valores éticos em si, isolados, regidos por leis imanentes e “[...] entramos nele, isto é, efetuamos o ato de abstração, imediatamente (automaticamente), nos encontramos em poder de sua legislação autônoma, ou mais exatamente, já não nos encontramos nele como seres individual e responsabilmente ativos.” (BAJTIN, 1997, p. 14)<sup>5</sup>. Para Bakhtin a separação entre conteúdo-sentido e ato-criação, o que ocorre com as correntes de cognição teórica, pode até ser justificada enquanto uma tentativa de construção epistemológica ou teórica, entretanto essa linha de pensamento jamais conseguirá superar a cisão entre dois mundos impenetráveis. E, ainda:

Um conteúdo semântico abstraído do ato ético pode ser integrado a uma existência [...] singular, mas, neste caso, não se trata do Ser único em que vivemos e morremos, no qual se realiza nosso ato responsável, mas de uma existência que é fundamentalmente alheia a historicidade da vida (BAJTIN, 1997, p. 16).<sup>6</sup>

A concepção é de que não há como separar essas dimensões. Bakhtin tenta superar a cisão entre objetivismo e subjetivismo estabelecida pelos neokantianos, em que o ser é diluído na categoria do puro pensamento, com uma verdade autônoma, uma lógica pura e abstraída do ser-evento. Para Bakhtin, caso se conceba separadamente, o Ser já não caberá numa verdade considerada autônoma e isolada, porque essa verdade não abarcará a totalidade do ser. Assim, tomando o princípio da responsividade responsável, a “verdade” só pode existir na condição de estar atrelada ao ser-evento. Nesse sentido “A significação, a validade da verdade se centra em si mesma, é absoluta e eterna, e o ato responsável da cognição toma em conta esta sua

---

<sup>5</sup> “[...] entramos en él, es decir, hemos cometido un acto de abstracción, ya nos encontramos en el poder de su legislación autónoma, o más exactamente, ya no nos encontramos en el como seres individuales responsablemente activos.” (BAJTIN, 1997, p. 14).

<sup>6</sup> Un contenido semántico sustraído del acto ético puede ser integrado a una existencia [...] singular, pero, desde luego, en este caso no se trata del Ser único en el cual vivimos y morimos, en el cual transcurre nuestro acto responsable, sino de una existencia que es por principio ajena a la historicidad viviente (BAJTIN, 1997, p. 16).

particularidade e essência.” (BAJTIN, 1997, p. 17)<sup>7</sup>. Isso significa que, para Bakhtin, a verdade se instaura no ato e isso implica que as verdades existem no ato e não antes dele. Não pode haver verdade *a priori*, ela se faz na ação, no passo dado, o que só é possível na linguagem.

Seria um erro crasso conceber que estas verdades eternas existissem antes de seu descobrimento por Newton, da mesma maneira que a América existia antes de seu descobrimento por Colombo: o caráter eterno da verdade não pode opor-se a nossa temporalidade, enquanto durabilidade eterna, para a qual todo nosso tempo não é senão um momento, um lapso (BAJTIN, 1997, p. 17).<sup>8</sup>

A consciência funda o sentido no ato que ancora em si, de forma irrevogavelmente vinculada, o conteúdo sentido numa atitude responsiva/responsável. A verdade se instaura no ato/ação responsável. Para Bakhtin, é essa instância do pensamento participativo que procura superar a cisão entre o conteúdo interior sentido e o ato criação, ou seja, a verdade se faz na escolha viva da ação, do ato. Todas as tentativas de acessar o ser-evento, partindo de uma instância teórica, de uma pressuposição fragmentada do ato cognitivo, serão sempre fracassadas, pois “[...] o mundo conhecido teóricamente não pode abrir-se de dentro da própria cognição ao mundo único real.” (BAJTIN, 1997, p. 20)<sup>9</sup>. Somente do ato executado é que há um caminho para o seu conteúdo sentido, uma vez que o ato é efetivado no Ser. “A unidade singular não pode ser concebida, mas tão somente pode ser vivida participativamente.” (BAJTIN, 1997, p. 20)<sup>10</sup>. Isso significa que o Ser não pode ser pensado teoricamente fora dessa singularidade, pois ele só é determinado nas categorias de comunhão real, num ato realizado, na ação participativa, interessada, apontando a perspectiva fenomenológica em que o sujeito se faz sendo, experimentando/experienciando.

Convém considerar que esse ato responsivo inclui não só a resposta, o colocar-se em relação ao mundo, ao outro, mas também uma responsabilidade, ou seja, inclui uma autoria, uma assinatura que não é expressão deliberada subjetivamente; ela é inerente ao ato e revela

---

<sup>7</sup> “La significación de la verdad se centra en si misma, es absoluta y eterna, y el acto responsable de la cognición toma en cuenta esta su particularidad y esencia.” (BAJTIN, 1997, p. 17).

<sup>8</sup> Habría sido un error craso concebir estas verdades eternas en si en cuanto existentes antes de su descubrimiento por Newton, de la misma manera como América había existido antes de su descubrimiento por Colón: el carácter eterno de la verdad no puede oponerse a nuestra temporalidad, en cuanto durabilidad eterna, para la cual todo nuestro tiempo no es sino un momento, un lapso (BAJTIN, 1997, p. 17).

<sup>9</sup> “[...] el mundo conocido teóricamente no puede abrirse hacia el mundo único real desde el propio conocer.” (BAJTIN, 1997, p. 20).

<sup>10</sup> “La unicidad singular no puede ser concebida, sino que tan solo puede ser vivida participativamente.” (BAJTIN, 1997, p. 20).

uma posição do sujeito. Esse processo não é determinado individualmente, é uma contingência da linguagem; não há como ser de outra forma, não há como não assinar, não se responsabilizar, não há *álibi*. Estar no mundo significa estar no âmbito da linguagem, significa ser convocado a pensar o mundo e, portanto, todo pensamento, todo ato implica essa responsividade.

Segundo Bakhtin, nem a cognição teórica nem mesmo a intuição estética são capazes de produzir acesso ao Ser real único, ao ser-evento, uma vez que, nessas perspectivas, há sempre uma cisão, uma abstração, um deslocamento do sujeito como participante do processo de significar e ver. Há um fracasso nessas proposições para o acesso, para determinar um ato-ação responsável e o mundo em que ele é real e responsabilmente executado uma única vez. Para Bakhtin o mundo teorizado da cultura e o mundo do ser-evento único não se comunicam, “[...] não existe um princípio para incluir e comunicar o mundo significante da teoria e da cultura teorizada ao único e singular do evento de ser na vida.” (BAJTIN, 1997, p. 28)<sup>11</sup>. Bakhtin advoga a ideia de que toda tentativa de abarcar a singularidade e a unicidade do Ser-evento abstraindo do ato-ação e de seu autor – que pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente – será sempre inviável, o que significa dizer que o ato não pode ser teorizado como um todo, pois a teoria pressupõe um caminho que distancia o sujeito, torna-o indiferente e fragmenta o ato.

Na proposta bakhtiniana a possibilidade de acessar a singularidade e a unicidade do Ser-evento se dá com a postura de não considerar o sujeito apartado teoricamente, mas considerar o ato numa concepção que leve em conta todos os fatores que estão envolvidos no seu desempenho, na sua expressão, a completa validade de sentido como a sua realização em toda historicidade e individualidade em que o ato se encerra, representando uma autoria responsiva responsável. Segundo Bakhtin, a responsabilidade do ato realizado detém uma unidade em que se encontram coadunados, inseparáveis, todos seus momentos constituintes, o conteúdo-sentido, sua expressão material e seu tom emocional-volitivo. O ato realizado tem, portanto,

---

<sup>11</sup> “[...] no existe un principio para incluir y comunicar el mundo significante de la teoría y de la cultura teorizada al único y singular acontecimiento de ser en la vida.” (BAJTIN, 1997, p. 28).

um único plano e um único princípio que comporta todos os momentos no interior de sua responsabilidade.

O ato é sempre a resposta que comporta uma unidade constituída tanto do sentido quanto do fato, do individual e do universal, do ideal e do real. O ato é a concretização, é a passagem de uma possibilidade (potencialidade) para o que se realiza de maneira única, irrepitível, com uma autoria, assinatura, que não permite, para acessar sua essência, a divisão de seu sentido objetivo do processo subjetivo de sua execução.

Essa concepção, que torna indivisível o sentido objetivo do processo subjetivo, parte do princípio de que não há como chegar à “verdade” na perspectiva racionalista – na qual a filosofia moderna nasceu e floresceu – que considera o racional como o objetivo, contrapondo-se ao subjetivo. Para Bakhtin o ato é mais do que racional, é responsável. Essa responsabilidade comporta uma unidade indivisível, como já dito, do conteúdo-sentido, sua expressão material, e de seu tom emocional-volitivo, não havendo, nessa ótica, uma abstração do conteúdo-sentido objetivo do processo subjetivo de realização.

Nesse sentido, afirma que a filosofia que se propõe à investigação ontológica do Ser-evento deveria tentar descrever não o mundo produzido por esse ato, mas o mundo no qual esse ato se torna responsabilmente consciente de si e é realmente desempenhado. E tal filosofia:

[...] não pode gerar conceitos, postulados e leis universais acerca deste mundo (a pureza teórica e abstrata do ato ético), mas tão somente pode ser uma descrição, uma fenomenología do mundo do ato ético. Um acontecimento (evento) só pode ser descrito participativamente (BAJTIN, 1997, p. 39)<sup>12</sup>

Nessa perspectiva fenomenologia, Bakhtin deixa claro que a consciência é pura atividade, se constitui a partir da intencionalidade e o sentido se constrói através da afetação da realidade, o que remete ao ato como uma responsividade responsável, dotado de uma autoria.

Afirma Bakhtin que somente quando o objeto é experimentado é que o sentido se faz. É quando se realiza algo em relação a ele e, assim, o sujeito, na mesma perspectiva kantiana,

---

<sup>12</sup> [...] no puede generar conceptos, postulados y leyes generales acerca de este mundo (la pureza teórica y abstrata del acto ético), sino que tan solo puede ser una descripción, una fenomenología del mundo del acto ético. Un acontecimiento sólo puede ser descrito participativamente (BAJTIN, 1997, p. 39).

constrói sentido, organiza, regula e assume uma certa posição interessada, intencional (tonalidade expressiva), em relação aos objetos. Essa postura está bem próxima de Husserl, que:

[...] afirma que a atitude natural, não-fenomenológica, faz o homem olhar o mundo de maneira ingênua como mundo dos objetos. A fenomenologia, ao contrário, busca uma fundamentação totalmente nova, não só da filosofia, mas também das ciências singulares. Enquanto as ciências positivas consideram os objetos como independentes do observador, a fenomenologia tematiza o sujeito, o eu transcendental, que “coloca” os objetos (ZILES, 2007, p. 216-221).

Essa perspectiva bakhtiniana, bem como de outras correntes filosóficas, tenta superar a dissociação entre o mundo sensível e inteligível, entre a cultura e a vida, que normalmente se faz na teoria científica e mesmo na estética, como já mencionado. A integração dessas instâncias, segundo Bakhtin, se faz no ato como um processo de apreensão do mundo enquanto resposta irrepetível, responsiva-responsável e assinada, isto é, dotada de autoria. Para ele, o ato, composto de uma arquitetônica com momentos constituintes indissociáveis, é o que possibilita a compreensão da cognição/criação sem dissociação do mundo da cultura e da vida.

Para Bakhtin a filosofia da cultura contemporânea tenta estabelecer essa interconexão, mas o faz de uma perspectiva teórica em que a ação concreta do sujeito é dissociada da reflexão teórica sobre o agir do sujeito. Pode-se considerar o ato de modo fragmentado, no entanto a abordagem será sempre parcial, não incluirá a totalidade do ato que, para o Círculo, está em sua arquitetônica, compreendida em seus momentos constituintes inseparáveis, o conteúdo-sentido, sua expressão material (forma) e seu tom emocional-volitivo (o ser no mundo).

### **Tonalidade, autoria e responsabilidade**

Bakhtin, ao tomar a tonalidade-volitiva como um dos componentes constituintes inalienável do ato, aponta para o caráter da valoração, da entonação apreciativa que é inerente à linguagem, a atitude responsiva do ato, uma vez que o simples fato de dizer algo a respeito de um objeto já implica uma posição, uma certa atitude perante ele. “Tudo que é o efetivamente Experienciável (vivenciável) como algo dado e como algo a ser ainda determinado tem entonação, possui um tom emocional-volitivo, estabelece comigo uma relação ativa na unidade



do evento que nos abarca.” (BAJTIN, 1997, p. 40)<sup>13</sup>. Assim, toda palavra pronunciada já expressa uma atitude valorativa. Essa concepção nos remete a Husserl, para quem o sentido era fundado como algo que se instaura no fenômeno a partir de uma intencionalidade. Aqui, parece que essa intencionalidade dialoga com o caráter de entonação presente no ato na sua característica responsiva-responsável apresentada por Bakhtin, que afirma, ainda, que somente o tom emocional-volitivo permite a realização de qualquer conteúdo, de qualquer pensamento, ou seja, somente o tom emocional-volitivo – o que podemos considerar sinônimo de intencionalidade – é que possibilita o experimentar ativo e propicia o ato responsivo/responsável, uma vez que é a não indiferença, mas a atitude participativa, valorativa, que afirma o pensamento, realiza o ato.

Um verdadeiro pensar concebido como ato é o pensamento emocional e volitivo (participativo, interessado), o pensamento entonado (apreciativo), e esta entonação penetra substancialmente em todos os momentos do conteúdo do pensamento. Um tom emocional e volitivo abarca todo o conteúdo semântico do pensamento no ato e o relaciona com o evento singular do ser (BAJTIN, 1997, p. 41e 42)<sup>14</sup>

Bakhtin aceita que, em alguns casos, esse tom emocional-volitivo esteja agindo de forma fortuita, a despeito das intenções do sujeito, ou seja, em alguns momentos, o conteúdo-sentido pode se dar por razões estranhas à consciência, no entanto essa possibilidade não o faz crer que a interconexão estabelecida entre o tom emocional-volitivo e o conteúdo-sentido seja fundamentalmente fortuita. Assim, reitera o caráter responsivo-responsável do sujeito, sua autoria, a assinatura que se faz no ato caracteriza-se pelo não *álibi*. Afirma, em outro momento de *Para uma Filosofia do Ato*, que o tom emocional-volitivo não é uma reação psíquica passiva, mas envolve uma atitude ativa e moralmente válida. É um passo, um movimento responsivo e responsabilmente consciente da consciência, que transforma a potencialidade na atualidade de uma ação realizada (pensar, sentir, desejar *etc.*).

---

<sup>13</sup> “Todo lo efectivamente vivenciable se vive como dación-planteamiento, se entona, posee un tono emocional y volitivo, entabla conmigo una relación activa en la unidad del acontecer que nos abarca.” (BAJTIN, 1997, p. 40).

<sup>14</sup> Un verdadero pensar concebido como acto es el pensamiento emocional y volitivo, el pensamiento entonado, y esta entonación penetra sustancialmente en todos los momentos del contenido del pensamiento. Un tono emocional y volitivo abarca todo el contenido semántico del pensamiento en el acto y lo realaciona con el acontecimiento singular del ser (BAJTIN, 1997, p. 41-42).

A respeito dessa questão que adentra os aspectos psicológicos, apontamos a leitura de Amorim, afirmando que Bakhtin não despreza a psicologia;

[...] ao contrário, ele a reconhece como um entre inúmeros conhecimentos teóricos dotados de unidade e de verdade. Mas, se as motivações profundas podem fornecer legitimamente uma explicação para o pensar do sujeito, não são elas que conferem sentido ao pensamento. [...] a Psicologia e a Psicanálise podem fornecer a *significação* do ato de pensar de um sujeito, mas o *sentido* é da ordem do acontecimento: é o que se produz num gesto único e irrepetível (2009, p. 30. Grifos da autora).

Assim compreende-se o caminho epistemológico empreendido por Bakhtin: ele não teoriza o pensamento, a cognição, mas traz uma concepção filosófica numa perspectiva que pretende unir o mundo pensado ao mundo da vida.

Em relação a esse tom emocional-volitivo, Bakhtin reitera que ele não é fortuito e, ainda, que não é determinado subjetivamente, nem por categorias pré-existentes, nem é adquirido no contexto da cultura, mas esse tom reflete a cultura como um todo, de modo que um valor é válido universalmente desde que válido num contexto individual. “A afirmação emocional e volitiva adquire seu tom não no contexto da cultura, mas a cultura em sua totalidade é que se integra no contexto global e singular da vida em que participo.” (BAJTIN, 1997, p. 43)<sup>15</sup>. Sobre esse ponto de vista bakhtiniano, afirma Marília Amorim:

[...] se pode destacar da discussão filosófica de Bakhtin uma reflexão epistemológica original em que o conhecimento verdadeiro somente se torna pleno se, além de verdadeiro, ele for válido. Válido e inserido no contexto, pois a inclusão do sujeito concreto e histórico que pensa esse pensamento o conhecimento nele contido permanece parcial (2009, p. 28).

Desse modo, Bakhtin e o Círculo trazem uma abordagem filosófica que pretende resolver a cisão entre o mundo teórico e o sujeito, apresentando a ideia do ato enquanto apreensão do mundo, numa perspectiva fenomenológica em que a cultura como um todo e cada pensamento estão integrados no contexto único do pensamento como evento. O tom emocional-volitivo é o que permite a integração, abre o isolamento, propicia o pensamento participativo. Esse tom caracteriza o dar sentido, uma vez que, quando um sentido se dá, quando a realidade se instaura, já traz em si um valor e uma posição do sujeito. Essa concepção bakhtiniana apresenta, então, um sujeito que se faz na ação, no ato, no experimentar e colocar-se no mundo com uma atitude que implica, necessariamente, uma responsividade responsável. A autoria se

---

<sup>15</sup> “La afirmación emocional y volitiva adquire su tono no en el contexto de la cultura, sino que la cultura en su totalidad se integra en el contexto global y singular de la vida en la que participo” (BAJTIN, 1997, p. 43).

constrói dessa maneira. O sujeito se faz na travessia do mundo que também o atravessa. Travessia, aqui, no sentido de ação, de colocar-se, de pensar participativamente, na concepção de Bakhtin. Reiterando essa posição, afirma que o tom emocional-volitivo:

[...] se refere justamente a toda a unidade concreta e singular, expressa toda a plenitude de um estado de ser como evento em um momento dado e na qualidade do dado e do estabelecido [...] a partir de mim como seu participante necessário, obrigatório. Por isso o tom emocional e volitivo não pode ser isolado, separado do contexto unitário singular de uma consciência viva enquanto a que se refere a um objeto isolado como tal; aqui não se trata de uma avaliação universal do objeto independentemente daquele contexto singular no qual se apresenta em um momento dado, mas expressa toda a verdade da situação em sua totalidade como a do momento único e irrepitível do evento (BAJTIN, 1997, p. 44)<sup>16</sup>

Esclarece assim um pouco mais o fundamento desse ato que remete à instauração da realidade, do sentido numa atitude responsável que compreende o ato numa perspectiva da vida, considerando uma integração entre o mundo sentido e o mundo pensado. O sujeito deve ser irrevogavelmente visto no ato, ele é a possibilidade de instauração do sentido e, desse modo, ele se faz, constitui-se como sujeito porque se coloca, posiciona-se. Esse posicionar-se é a realização do ato como possibilidade de ser/estar/fazer o mundo. O sujeito se faz no ato que é a realização na linguagem (única possibilidade) de dizer/acontecer/ser.

Afirma Bakhtin, ainda, que esse tom emocional-volitivo que abarca e atravessa o Ser-evento único não é uma reação psíquica passiva, mas incorpora uma atitude de dever da consciência. Isso torna a filosofia bakhtiniana uma filosofia moral, uma vez que atesta que esse tom emocional-volitivo implica uma atitude ativa, consciente, responsável e moralmente válida. O tom emocional-volitivo para Bakhtin é exatamente o colocar-se, o posicionar-se do sujeito, é o que caracteriza a auto-atividade, a experimentação sendo realizada, constituindo o sujeito nessa realização. O ato, com todos os seus momentos constituintes, é a junção, a integração do mundo sensível com o mundo apreendido numa realização única, irrepitível.

---

<sup>16</sup> [...] se refiere justamente a toda la unidad concreta y singular, expresa toda la plenitud de un estado del acontecer en un momento dado y en calidad de lo dado y de lo planteado [...] a partir de mí como su participante necesario. Por eso no puede ser aislado, separado del contexto unitario singular de una conciencia viva en cuanto a que se refiere a un objeto aislado como tal; aquí no se trata de una valoración general del objeto independentemente de aquel contexto singular en el cual se me presenta en un momento dado, sino que expresa toda la verdad de la situación en su totalidad como la del momento único e irrepitible del acontecer (BAJTIN, 1997, p. 44).

E é precisamente esse tom emocional-volitivo, permeando o ato em seu caráter único, irrepetível, que expressa uma singularidade, uma unicidade entre o mundo sentido e o mundo pensado, realizado, que caracteriza o que é verdadeiro. Para Bakhtin, constitui:

Triste engano, herança do racionalismo, o fato de que a verdade [pravda] só pode ser verdade universal [istina] composta de momentos universais; o fato de que a verdade de uma situação consista justamente no que se encontra nela de repetível e permanente [...] (BAJTIN, 1997, p. 45)<sup>17</sup>

Isso significa dizer que Bakhtin não considera a existência de categorias apriorísticas, anteriores e universais. Para ele, o sentido só é verdadeiro e válido quando inserido no contexto verdadeiro e válido do sujeito que realiza o ato e nele se constitui, numa perspectiva fenomenológica em que o mundo dado e o mundo pensado estão perfeitamente coadunados no ato, uma coadunação que escapa ao pensamento teórico.

Nessa perspectiva, a construção do sentido, do que é verdadeiro, compreende uma postura inerente ao sujeito ao realizar um ato. Bakhtin usa a palavra *fidelidade* (ser-verdadeiro-para) a fim de expressar a posição da consciência na unicidade do ato. Isso significa dizer, o que explicitamos anteriormente, que a verdade não é uma categoria universal e anterior, mas que ela se faz no processo de experimentar e pensar o mundo. Há a necessidade de considerar a atitude participativa do sujeito, pois: “Não é o conteúdo de uma obrigação que me compromete e obriga, mas minha assinatura debaixo dela, o fato de que alguma vez eu tivesse reconhecido e assinado a obrigação do pagamento.” (BAJTIN, 1997, p. 46)<sup>18</sup>. É a atitude concreta do sujeito enquanto um autor responsável do ato que promove a construção do sentido, do que é verdade. O sentido, a verdade, faz-se na relação, o conteúdo do ato é apenas um de seus constituintes, que não pode ser visto sem a ação participativa do sujeito. Isso significa dizer que, reiteramos, sempre que se instaura uma verdade, um sentido, tem-se ali o posicionamento de um sujeito, um interesse, uma intencionalidade, uma responsabilidade.

Em toda parte havemos de encontrar uma permanente unidade na responsabilidade – nao a permanência de um conteúdo, nem uma lei permanente do ato, posto que todo o conteúdo, é só um momento constituinte – mas um autêntico fato de reconhecimento,

---

<sup>17</sup> Triste malentendido, herencia del racionalismo, el hecho de que la verdad [pravda] solo pueda ser verdad universal [istina] compuesta de momentos generales; el hecho de que la verdad de una situación consista justamente en lo que se encuentre en ella de repetible y permanente [...] (BAJTIN, 1997, p. 45)<sup>17</sup>.

<sup>18</sup> “No es el contenido de un documento de pago lo que me compromete y obliga, sino mi firma debajo del documento, el hecho de que alguna vez yo hubiese reconocido y firmado dicha obligación de pago.” (BAJTIN, 1997, p. 46).

um reconhecimento, um fato único e irrepitível, emocional e volitivo, concretamente individual (BAJTIN, 1997, p. 46)<sup>19</sup>.

### **Ato responsivo-responsável – A vida sem *álibi***

Essa arquitetônica do ato, proposta por Bakhtin – enquanto uma realidade que engloba seu conteúdo, seu processo e a entonação apreciativa/avaliativa –, traz em si a perspectiva de que o valor, a verdade do ato, faz-se na interação, isto é, sempre que o sujeito realiza um ato - o que significa não apenas dizer, mas compreender, entender, aceitar, conhecer, enfim, o processo cognitivo/criativo – ele o faz de uma determinada posição, imprimindo aí um certo valor que não é universal, anterior, mas se faz exatamente nesse processo, e é nesse processo de realização do ato que o sujeito também se realiza. É a inclusão da responsabilidade nesse processo que constitui a verdade da situação. Em outras palavras, a experiência é sempre executada por um sujeito em uma determinada posição que lhe imprime valor e confere sentido a partir da interação com o mundo dado, num processo único e irrepitível. Bakhtin não deixa dúvidas de que há uma impossibilidade de dissociar o agente, o sujeito, desse processo de realização do ato; fora dessa perspectiva, toda filosofia fará sempre uma abordagem parcial, pois o que está por trás da unidade da consciência responsável não é um princípio como ponto de partida, verdades ou categorias anteriores, mas é a própria ação do sujeito, seu reconhecimento, sua participação nesse ato que faz com que ele se faça, constitua-se numa atitude responsiva/responsável e única. “Tudo o que posso realizar jamais será por nada ou por ninguém realizado. A singularidade do ser presente é irrevogavelmente obrigatória.” (BAJTIN, 1997, p. 48)<sup>20</sup>. Dessa maneira, o não *álibi*, não estar isento de responsabilidade no Ser, decorre do fato de que o sujeito, ao realizar o ato e nele se realizar, fá-lo de um lugar único, irrepitível, singular, só dele. Ali onde o eu experimenta a si mesmo como único agente. Nessa singularidade, nessa assinatura única, irrepitível, encontra-se o dever, a condição inescapável de agir de um lugar próprio, de construir sentido. É em relação a toda a unidade real que o único dever surge do único lugar no Ser. Esse não *álibi*, essa unicidade, faz-se em todo o processo de

---

<sup>19</sup> En todas partes hemos de encontrar una permanente unidad en la responsabilidad – no la permanencia de un contenido, ni una ley permanente del acto, puesto que todo el contenido es sólo un momento – sino un auténtico hecho de reconocimiento, hecho único e irrepitible, emocional y volitivo, concretamente individual (BAJTIN, 1997, p. 46).

<sup>20</sup> “Todo lo que yo puedo realizar nunca ni por nadie puede ser realizado. La singularidad del ser presente es irrevocablemente obligatoria.” (BAJTIN, 1997, p. 48).

realização do ato (pensado ou expresso) e do sujeito que se realiza também nesse ato. Somente o caráter de responsabilidade, o tom emocional-volitivo, que expressa um reconhecimento do posicionamento participativo, não-indiferente do sujeito, é que permite a transição da possibilidade/potencialidade para a realidade do ato.

Bakhtin apresenta esse reconhecimento do eu no processo de realização do ato como condição para um reconhecimento do outro. Sem esse reconhecimento, tem-se a questão de quem é o próximo, no sentido do outro semelhante. Isso porque o *eu* torna-se um *eu* a partir de outros *eus*. Aqui se torna evidente o caráter ético, a filosofia de um ponto de vista da moral do pensamento bakhtiniano em que o posicionamento, a responsabilidade responsável do sujeito no ato implica, necessariamente, o outro. Fora desse reconhecimento do sujeito de sua ação participativa, há o que Bakhtin chama de pensamento não-encarnado, isto é, a possibilidade passiva do pensamento que não está, em nenhuma instância, relacionado com o reconhecimento do sujeito no ato. E o que transforma o ato como inerente ao sujeito é o reconhecimento desse sujeito na participação ativa do ato, é o seu posicionamento único enquanto autor que assume, que assina.

O pensamento participativo é justamente uma concepção emocional e volitiva do ser enquanto evento em sua unicidade concreta, sobre a base de um não-álibi no ser, quer dizer, se trata de um pensamento performativo, no sentido de remeter ao eu enquanto ator singularmente responsável pelo ato (BAJTIN, 1997, p. 52).<sup>21</sup>

Nisso reside a responsabilidade, pois esta não se faz apenas em relação ao sentido, ao significado, mas pela afirmação, pela assunção, pelo reconhecimento do sujeito no processo de realização do ato.

Dessa maneira, há uma verdade e um sentido instituído de um único lugar. A verdade do evento é determinada pelo sujeito, do seu lugar único, irrepetível, insubstituível. Para cada eu, institui-se uma verdade de um lugar único. No entanto não é uma verdade subjetiva, mas uma verdade responsável que se faz na obrigatoriedade do sujeito enquanto realizador do ato, enquanto um *eu* único que está inexoravelmente convocado a pensar o mundo através de uma singularidade necessária. O ato realizado tanto quanto o sentimento a ele inerente orientam-se

---

<sup>21</sup> El pensamiento participativo es justamente una concepción emocional y volitiva del ser en cuanto acontecer en su unicidad concreta, sobre la base de la coartada en el ser, es decir, se trata de un pensamiento performativo, en el sentido de remitir al yo en cuanto actor singularmente responsable por el acto (BAJTIN, 1997, p. 52).

precisamente com referência àquilo que é condicionado pela unicidade e irrepetibilidade do próprio lugar do ser. A condição de responsabilidade se dá pela condição de que o homem vê, sabe que vê e o ponto de onde vê é único, não partilhado; o outro tem lugar diverso do *eu*. No entanto, não pode haver contradição entre a totalidade de valores que são válidos historicamente para a humanidade. O sujeito assume uma atitude emocional-volitiva particular em relação a toda a cultura. A verdade para o sujeito se estabelece no processo de elaboração consciente e responsável na cultura. Isso remete novamente à recusa de Bakhtin por verdades universais, categorias apriorísticas que possibilitariam a cognição/criação do mundo dado. Para Bakhtin, estruturas como tempo e espaço são categorias que garantem o sentido unitário possível de juízos possíveis, entretanto essas categorias, enquanto experimentadas na participação real no tempo e no espaço, adquirem valor no âmbito da singularidade e da unicidade da ação participativa do sujeito que requer sempre interesse emocional-volitivo. Isto quer dizer que tanto a categoria de tempo quanto a de espaço não são conceitos puramente teóricos, mas carregam valores instituídos. Nessa perspectiva, o sujeito constrói sentido para si e para o mundo através de sua inserção na história, num processo de interação ativo e responsável, a partir do ponto em que se situa, único, irrepetível, insubstituível. O real se dá na instauração de um posicionamento do sujeito que implica uma entonação, uma assunção de determinados valores. Esse posicionamento valorativo, se assim podemos dizer, não é determinado por um Ser objetivo e universalmente válido *a priori*, mas se dá na realização do ato que coaduna o mundo dado e o mundo apreendido. Em outras palavras, a realidade não é nada, só vem a ser alguma coisa no momento em que é dita ou é pensada. Assim, o mundo humano não é um mundo apenas dado naturalmente, mas é construído a partir das inserções realizadas no ato por sujeitos situados em lugares únicos.

Esse mundo humano é o mundo em que o sujeito se insere de modo participativo e responsável, é um mundo único e unitário, experimentado concretamente, preenchido com valores dos tons emocionais-volitivos do que é válido na cultura humana. O sentido é construído sempre nessa arquitetônica que inclui conteúdo, forma e tonalidade expressiva que deflagra o sentido instaurando valores. A realidade desse mundo é garantida através do reconhecimento da participação única do sujeito, por sua resposta responsável de estar na vida, pensar o mundo.

O ato concebido por Bakhtin com seu caráter de responsabilidade, de não-álibi, de assunção de si mesmo numa inserção valorativa no mundo, traz uma filosofia moral cuja base ou princípio comum são o eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro. “Todos os valores espaço-temporais e de conteúdo semântico se estruturam em torno destes momentos centrais emocionais e volitivos: eu, outro, eu-para-outro.” (BAJTIN, 1997, p. 61)<sup>22</sup>. Isso significa que Bakhtin e o Círculo consideram o sujeito de um ponto integral da vida, sem priorizar aspectos fragmentados tais como o biológico, o empírico e o social, mas, como afirma Sobral (2009: 121-126), “[...] leva em conta sua complexidade na concretude das situações em que ocorre a apreensão inteligível do seu ser sensível, [...]”; leva em conta o ser em sua unidade única, considerando-o como um todo, como um Ser que, colocando-se para si, coloca-se incondicionalmente para o outro, uma vez que:

A vida tão somente pode ser concretizada em uma responsabilidade concreta. Uma filosofia da vida só pode ser uma filosofia moral. Só é possível tomar consciência da vida como um evento em processo, e não como de ser enquanto dado. Uma vida que se afastou da responsabilidade não pode possuir uma filosofia: ela seria por princípio fortuita e carente de raízes (BAJTIN, 1997, p. 63)<sup>23</sup>

É necessário esclarecer, aqui, que esse ser-para-mim, enfatizado por Bakhtin como lugar único, irrepitível do sujeito, não significa uma atitude egocêntrica, voltada exclusivamente para si, significa uma condição ontológica em que o eu-para-mim constitui o centro do qual é possível a realização do ato e o reconhecimento de sua participação. É apenas do lugar único no Ser que se pode e deve ser ativo. Essa participação reconhecida é sempre ativa, nunca passiva, e inclui uma inserção responsável que se materializa no ato. A esse respeito, afirma Faraco (2009, p. 21), o posicionamento bakhtiniano se assenta numa estrutura moral do sujeito que se reconhece como único, ocupando um lugar único, jamais ocupado por nenhum outro.

Esse processo, segundo Bakhtin, não pode ser expresso adequadamente em termos teóricos, mas pode ser descrito e participativamente experimentado. A eventicidade do evento é inacessível teoricamente. No entanto essa ação responsável não deve opor-se à teoria, mas

---

<sup>22</sup> “Todos los valores espaciotemporales y de contenido semántico se estructuran en torno a estos momentos centrales emocionales y volitivos: yo, otro, yo-para-outro (BAJTIN, 1997, p. 61).

<sup>23</sup> La vida tan solo puede ser conscientizada en una responsabilidad concreta. La filosofía de la vida solo puede ser una filosofía moral. Solo es posible tomar conciencia de la vida como de un acontecer, y no como de ser en cuanto dación [bytie-dannost]. Una vida que haga a un lado la responsabilidad no puede poseer una filosofía: aparecería por principio como fortuita y carente de raíces (BAJTIN, 1997, p. 63).



incorporá-la em si como um de seus momentos necessários. Por isso a proposta do Círculo não é construir um sistema que divulgue valores possíveis, tais como os valores possíveis de juízos possíveis no pensamento kantiano, mas fazer:

[...] uma representação ou descrição da arquitetônica real valorativa, concreta do viver no mundo, não com uma fundamentação analítica a frente, mas com um centro verdadeiramente concreto (espaço-temporal) do qual emergem avaliações, afirmações, atos reais cujos membros constituintes são objetos reais vinculados entre si por meio de relações de um evento concreto [...] (BAJTIN, 1997, p. 67).<sup>24</sup>

### Considerações finais

A proposta bakhtiniana, desse modo, é construir uma descrição que não promova a cisão entre teoria e vida e que abarque a unicidade do ser e do evento com suas implicações do processo de ser para si e para o outro que se materializa no ato cuja arquitetônica inclui o conteúdo, a forma e o tom emocional-volitivo, a tomada de posição, uma autoria.

Dessa maneira vemos que o sujeito bakhtiniano é dotado de uma postura ativa, interessada, carregado de intencionalidade e que se realiza no ato do ser-evento em que os sentidos se instauram a partir de uma intenção, um valor. Para esse sujeito não existem categorias *a priori*; ao contrário, todas as categorias, sejam espaciais ou temporais, expressam o lugar único desse sujeito, marcado por uma intencionalidade, uma autoria. Essa concepção de Bakhtin e do Círculo remete a uma filosofia que tenta abarcar a totalidade do ser-evento, incluindo uma arquitetônica que coaduna conteúdo, forma e tom emocional-volitivo, a posição do sujeito. Essa inclusão da tonalidade valorativa leva necessariamente a uma filosofia numa perspectiva moral que concebe o sujeito em relação a sua autoria e sua responsabilidade irrevogável em ser para si e para o outro.

### Referências

AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin – Dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

---

<sup>24</sup> [...] una representación o descripción de la arquitectónica valorativa del vivir el mundo, no con una fundamentación analítica a la cabeza, sino con un centro verdaderamente concreto (espaciotemporal) de emanación de valoraciones, afirmaciones, actos reales, cuyos miembros son objetos reales vinculados entre sí por medio de relaciones de un acontecer concreto [...] (BAJTIN, 1997, p. 67).

BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético*. 1. ed. De los borradores: y otros escritos. Traducción del ruso de Tatiana Bubnova. Universidad de Puerto Rico, 1997.

BRAIT, B. Linguagem e identidade: Um constante trabalho de estilo. *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro, V 2, n 1, p. 185-201, 1º sem 2004. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r60.pdf> - Acesso em junho de 2018.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo* – As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

SOBRAL, A. O conceito do ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. – *Revista Centro Universitário São Camilo*. São Paulo, V 1, n 3, p. 121-126, 2009. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/121a126.pdf> Acesso em junho de 2018.

ZILLES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. *Revista da Abordagem Gestáltica*. Goiânia, V 13, n 2, p. 216-221, 2º sem 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n2/v13n2a05.pdf> - Acesso em junho de 2018.